

CATOLICISMO, ATEÍSMO, CONSERVADORISMO E COMUNISMO: UMA ANÁLISE DO PARADOXO ENTRE D. GERALDO DE PROENÇA SIGAUD E EUGÊNIO DE PROENÇA SIGAUD

Clodoaldo da Luz ¹ 

Resumo: O presente artigo analisa o paradoxo existente entre a concepção comunista atea e a doutrina católica no período de 1947 a 1961, sob as orientações da micro-história e da história das religiões. Assim, tal investigação acerca dos referidos ideários se dará partindo do individual para o geral, abordando as biografias D. Geraldo de Proença Sigaud – S.V.D. e de Eugênio de Proença Sigaud. Visando, assim, as dispares ações e concepções advogadas pelos irmãos Sigaud, a fim de investigar os fatos políticos e sociais, de 1947 a 1961, que fomentaram o embate entre a doutrina católica e a ideologia comunista, realçado nos seguintes atos ímpares da sociedade nacional: a fundação da Sociedade em Defesa da Tradição, Família e Propriedade por D. Geraldo de Proença Sigaud – S.V.D, e a decoração interna da catedral de Jacarezinho por Eugênio de Proença Sigaud, a pedido de D. Geraldo de Proença Sigaud – S.V.D..

Palavras-chave: Paradoxo. Doutrina Católica. Concepção Comunista.

CATHOLICISM, ATHEISM, CONSERVATISM AND COMMUNISM: AN ANALYSIS OF THE PARADOX BETWEEN D. GERALDO DE PROENÇA SIGAUD AND EUGENIO DE PROENÇA SIGAUD

Abstract: This article analyzes the existing paradox between the atheist communist creation and the Catholic doctrine in the period from 1947 to 1961, under the guidelines of micro-history and the history of religions. Geraldo de Provaud – S.V.D. and Eugênio de Proença Sigaud. Thus, aiming at the different society and conceptions advocated by Sigaud, to investigate the political facts and, from 1947 to 1961, that indoctrinate the social clash between Catholics and communist ideology, determined in the egalitarian acts of the national: the foundation of the Sociedade in Defense of Tradition, Family and Property by D. Geraldo de Proença Sigaud – S.V.D, and the internal decoration of the Cathedral of Jacarezinho by Eugênio de Proença Sigaud, at the request of D. Geraldo de Proença Sigaud – S.V.D.

Keywords: Paradox. Catholic Doctrine. Communist Conception.

CATOLICISMO, ATEISMO, CONSERVATORISMO Y COMUNISMO: UN ANÁLISIS DE LA PARADOJA ENTRE D. GERALDO DE PROENÇA SIGAUD Y EUGENIO DE PROENÇA SIGAUD

Resumen: Este artículo analiza la paradoja de la concepción comunista de la doctrina católica en el período de 1947 a 1961, a partir de las orientaciones de la microhistoria y la historia de las religiones en las que se dará o el estudio de aspectos históricos desde la individual para la comprensión de lo general y la comparación entre dos corrientes ideológicas, la católica y la comunista. Destacando la vida de D. Geraldo de Proença Sigaud – S.V.D. y Eugênio de Proença Sigaud, examinando la influencia de la doctrina católica en Dom Geraldo, la concepción comunista de Eugênio y la paradoja entre ellos; y señalando los acontecimientos políticos de 1947 a 1961 que promovieron o el conflicto entre la doctrina católica y la ideología comunista, realizado en la fundación de la Sociedad para la Defensa de la Tradición, la Familia y la Propiedad por D. Geraldo y la decoración interna de la Catedral de Jacarezinho por Eugênio a pedido de D. Geraldo.

Palabras clave: Paradoja. Doctrina Católica. Concepción Comunista.

¹ Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal do Paraná – UFPR. Mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Paraná – UFPR. E-mail: clodoaldoluz@outlook.com

Introdução

O paradoxo entre o conservadorismo católico e o comunismo ateu ocasionou a ação de intelectuais na sociedade brasileira e jacarezinense. Tais atos consistiram no embate entre a doutrina católica e a concepção comunista, ocorrido entre os anos de 1947 e 1961, devido a infiltração de ideias comunistas no Brasil e a reação a estas, sintetizadas no anticomunismo da Igreja Católica.

Focando na importância de personagens na sociedade, abre-se o leque de opções de se analisar a discrepância entre o catolicismo conservador e o comunismo ateu, pois a história é o “produto mais humano dos homens, afinal não se tem notícias de pardais reunidos em assembleia deliberando e produzindo história” (ARRUDA, 1985, p. 61) e as realizações individuais são determinadas pelas concepções propugnadas e circunscritas no contexto histórico.

Desta maneira, o presente artigo pretende delinear as discrepâncias existentes entre o catolicismo conservador, impregnado em Dom Geraldo² de Proença Sigaud S.V.D.³, e o ateísmo comunista, presente nos ideais de Eugênio⁴ de Proença Sigaud. Para tanto, será usado, como referencial teórico, a metodologia inscrita no viés da história das religiões – a mesma utilizada na obra *O sagrado e o profano*, de Mircea Eliade e no texto *História das religiões e religiosidades*, de Jaqueline Hermann - e na vertente da micro-história, presente na obra *O queijo e os vermes*, de Carlo Ginzburg. No entanto, sem relegar o plano da macro-história, pois é mister compreender o panorama político nacional de 1947 e 1961. Visto que semelhante período engloba os aspectos históricos que cercavam, influenciavam e cerceavam as realizações de D. Geraldo e Eugênio.

Destarte, primeiramente, será apresentada, sucintamente, a biografia de D. Geraldo e Eugênio, suas realizações e as inclinações ideológicas de ambos. Num segundo momento, serão delineados os pontos divergentes entre a doutrina católica e a concepção comunista acerca da concepção histórica, da sociedade ideal e da propriedade privada. Por fim, serão elucidados alguns fatos do panorama político brasileiro para a compreensão das convicções divergente defendidas por D. Geraldo e Eugênio, correlacionando com o surgimento da Sociedade em Defesa da Tradição,

² Doravante, para se referir a Dom Geraldo de Proença Sigaud S.V.D., será usada preferencialmente a terminologia D. Geraldo; a fim de tornar a leitura, do presente artigo, mais precisa e dinâmica.

³ Tal terminologia significa Sociedade do Verbo Divino.

⁴ Para fins estilísticos, daqui em diante, para se referir a Eugênio de Proença Sigaud, será preferencialmente usado o seu primeiro nome, Eugênio.

Família e Propriedade (T.F.P.), sob o auspício e participação de D. Geraldo, e a decoração interna da Catedral Diocesana de Jacarezinho feita por Eugênio a pedido de D. Geraldo, na qual Eugênio, pelo seu talento, evidencia a sua adesão ao comunismo. Assim, visando a compreensão, através do paradoxo ideário dos irmãos Sigaud, do embate, de 1947 a 1961, ocorrido entre a doutrina católica e a concepção comunista.

D. Geraldo e Eugênio: gênios em contraste

A sucinta exposição da biografia dos irmãos Sigaud, Geraldo e Eugênio, faz-se oportuna para compreender as atitudes de D. Geraldo, bispo conservador, e de seu irmão Eugênio de Proença Sigaud, pintor declaradamente comunista e ateu.

O primeiro, paladino do conservadorismo e da doutrina cristã católica, propugnava o pensamento conservador, em que a manutenção da situação vigente era uma necessidade primaz e fundamental para o bom ordenamento da sociedade. Visto que, na concepção conservadora, não haveria qualquer problema no transcorrer natural e ordenado das coisas. Com efeito, as reações conservadoras, perante os fatores imanentes e situações determinadas, consistiriam em atitudes habituais e de conservação da ordem estabelecida (MERCADANTE, 2004, p. 273). Ademais, para o conservadorismo, a tradição, uma das fontes da verdade, é, naturalmente, o peso do passado sobre o presente. Logo, nesse viés, as novidades são suspeitas, a palavra dos antigos é a expressão da verdade (TORRES, 1968, p. 219).

Tais argumentações e a ruína de sua família, em 1904, fizeram com que D. Geraldo, bisneto do médico francês Xavier Sigaud, procurasse em toda sua vida, inclusive quando fora bispo da Diocese de Jacarezinho (1947-1960), resgatar a nobreza de sua família, impregnada na figura do seu bisavô, entrando para a vida religiosa e visando manter integridade da tradição católica.

Por outro lado, a concepção comunista atea, somada ao acontecimento da falência da família Sigaud, pode ter levado Eugênio de Proença de Sigaud a impregnar, em si, características do comunismo como a exaltação do proletariado, o engajamento político e o desprezo pela religião. Fato visível em Eugênio desde tenra idade: “a casa dos Sigaud era constantemente visitada por padres da região, em cuja mão estendida para a benção, o menino Sigaud aplicava sonoros tapas e saía correndo entre as pessoas.” (GONÇALVES, 1981, p. 17).

A ideia encalacrada na concepção comunista atea da história, a luta de classes como força motriz da desta, foi marcante e fluente na pessoa de Eugênio. Por isso, o seu

afã exclaimar as mazelas presenciadas pelo proletariado fá-lo dispensar o talento para com a causa operaria. Por tal viés adotado recebeu a alcunha de “pintor dos operários” (GONÇALVES, 1981, p. 1).

Assim, os elementos da consciência conservadora católica e a ideologia comunista ateia incitaram as ações de D. Geraldo e Eugênio, assinalando as suas biografias, conforme se verá.

D. Geraldo nasceu em 1909, na cidade de Belo Horizonte. É filho de Paulo da Nóbrega Sigaud e de Maria de Proença Sigaud. Iniciou seus estudos secundários na Congregação do Verbo Divino, na qual é ordenado sacerdote, o primeiro sacerdote nascido na cidade de Belo Horizonte.

É enviado a Roma, com o objetivo de prosseguir os estudos na Universidade Gregoriana. Doutorou-se em Teologia na mesma em 1932. Exercendo, na década de 40, a função de professor na faculdade *Sedes Sapientia*, na cidade de São Paulo e em Santo Amaro, transparecendo seu pensamento voltado para a vertente tomista, ou seja, baseado na filosofia e teologia de Tomás de Aquino.

No ano de 1947, recebe a nomeação para o episcopado da Diocese de Jacarezinho, pelo Papa Pio XII, tornando-se o primeiro bispo nascido na capital mineira. Devido a essa nomeação, redige a *Carta Pastoral de Saudação*, pela qual encoraja os fiéis e clérigos da Diocese de Jacarezinho a perseverança e a esperança na palavra de Deus, além de preparar a construção da Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de Jacarezinho, em 1959, a fim de formar professores imbuídos do pensamento católico para a sociedade jacarezinhense e da região do Norte Pioneiro.

A formação do clero e a criação de outras dioceses – desmembrando parte do território da Diocese de Jacarezinho -, bem como o fomento à espiritualidade mariana, foram pontos importantes no seu episcopado na Diocese de Jacarezinho:

Foi íntimo o trabalho do terceiro Bispo de Jacarezinho à frente de sua Diocese. Desmembra a Diocese em 1956, com a criação das de Londrina e de Maringá, as atividades de D. Geraldo tornaram-se mais estreitas na formação do clero e dos fiéis. A sua atividade no setor mariano foi intensa a ponto de sua diocese contar como o maior número de congregados marianos entre as dioceses do Brasil (OLIVEIRA *apud* SILVA JUNIOR, 2006, p. 26).

Vê auspiciosamente a criação do mensário *Catolicismo* no ano de 1951 na Diocese de Campos, sob a tutela de D. Antônio de Castro Mayer. Tal periódico atingiu prestígio nos meios católicos brasileiros ao defender a integridade do culto católico.

Não mede esforços para a concretização da criação da Faculdade de Filosofia de Jacarezinho em 1960, sendo o primeiro diretor até a sua nomeação para a Arquidiocese de Diamantina. Além de adquirir 120 alqueires para a Fazenda do Seminário, terminou a construção da Catedral Diocesana de Jacarezinho e as pinturas internas da Catedral, realizadas, a seu pedido, por seu irmão Eugênio de Proença Sigaud, nos anos de 1954 a 1957.

Em 1960, fora coautor da obra *Reforma Agrária: Questão de Consciência*, na qual é relatada a importância do latifundiário e a ineficácia da reforma agrária proposta pelo Governo Federal. Com semelhante postura visava debelar a penetração de ideais marxistas na sociedade brasileira. Participa ativamente da fundação da Sociedade Brasileira em Defesa da Tradição Família e Propriedade - TFP -, por Plínio Corrêa de Oliveira, em 26 de junho de 1960.

Por causa do êxito da obra *Reforma Agrária: Questão de Consciência*, é nomeado arcebispo metropolitano da Arquidiocese de Diamantina, no dia 31 de dezembro de 1960. Como arcebispo, ataca ferrenhamente a decisão do Concílio Vaticano II de destituir o latim como língua obrigatória para a realização da liturgia católica. Almejando, com isso, a manutenção integral da prática litúrgica católica, sem adequações ou mudanças no ritual, advogando a convicção de que a doutrina católica é permanente, não se altera.

Juntamente com os demais escritores do livro *Reforma Agrária: Questão de Consciência* envia, no dia 9 de junho de 1962, uma carta, via imprensa, ao presidente João Goulart intitulada *A Reforma Agrária e o caráter sagrado do direito da propriedade*. Com tal carta, quis mostrar ‘as mazelas’ da reforma constitucional pretendida pelo governo.

No ano de 1963, vê-se em outra frente de batalha: contra as ideias comunistas oriundas do pensamento marxista. Aproveitando esse ensejo, redige, nesse mesmo ano, o seu livro *Catecismo Anticomunista*.

Apoiou incondicionalmente o Regime Militar, a ponto de afirmar que “com bombons não se arrancam confissões” (GASPARI, 2002, p. 20). Denunciava a entrada de ideais marxistas, que se instalaram em 1964. Semelhante posicionamento contra o ideário comunista ateu desembocou na *Marcha da Família com Deus pela Liberdade*, em 19 de março de 1964, com o pretexto de que, sem essa, a ameaça comunista impregnaria a nação brasileira de valores antirreligiosos, destruidores dos baluartes da fé católica e abalaria os pilares da família.

Desvincula-se da Sociedade Brasileira em Defesa da Tradição Família e Propriedade (T.F.P.), em 1970, ao defender a reforma agrária proposta pelo governo e a reforma litúrgica determinada pela Santa Fé, em detrimento das convicções apoiadas pela T.F.P. Mostrando sua obediência à recomendação do Vaticano de aceitar as resoluções do Concílio Vaticano II.

Renuncia ao episcopado em 1980 devido a sua debilitação, sendo transferido para Belo Horizonte. Nessa cidade, em 5 de setembro de 1999, com 89 anos, veio a óbito. Sendo sepultado no Cemitério do Bonfim na cidade de Belo Horizonte, como prescrito no testamento.

D. Geraldo, pelo seu apoio à Ditadura Militar, fora criticado, mas, por sua destacada atuação e influência na sociedade jacarezinhense e nacional, recebera o merecido reconhecimento:

Devido ao seu posicionamento conservador e sua atitude auspiciosa para o golpe militar e à tortura, a ponto de dizer que ‘confissões não se conseguem com bombons’ recebeu diversas críticas de clérigos e leigos, os quais o admiravam pela sua inteligência e atividade assistencial no Vale do Jequitinhonha, como relata a Revista Época ‘Os adversários reconheciam sua formação intelectual refinada e o forte trabalho assistencial no Vale do Jequitinhonha, a região mais pobre de Minas Gerais’ (SILVA JUNIOR, 2006, p. 36).

Seu irmão, Eugênio de Proença Sigaud, nasce em Santo Antônio do Carangola, Estado do Rio de Janeiro, a 2 de julho de 1899. Também é filho de Paulo da Nóbrega Sigaud e Maria de Proença Sigaud. Aos 3 anos de idade desperta seu grande talento artístico:

Estranhamente rebelde e bastante criativo, a partir dos 3 anos, com denotada inclinação para a arte e curiosamente para o muralismo [...]. Preparava suas tintas com o barro do chão, pintando as paredes da casa com sua monocromia forte e avermelhada entre garatujas infantis (GONÇALVES, 1981, p. 17).

Atolada em dívidas, devido a vários empréstimos bancários contraídos para a atividade cafeeira, sua família transfere-se para Belo Horizonte em 1904. Aos 12 anos torna-se interno do Colégio Salesiano, em Niterói. No entanto, desgostoso com a dura disciplina, a excessiva religiosidade do Colégio e a sua pouca disposição para os estudos, foge para Minas Gerais.

Prossegue os estudos iniciais, diplomando-se Engenheiro Agrônomo, pela Escola de Agronomia de Belo Horizonte, em 1920. No ano de 1921, parte para o Rio de Janeiro, matriculando-se na Escola de Belas Artes, sendo discípulo, no Curso de

Desenho, de Modesto Brocos. Neste ano participa do Movimento Modernista, predecessor da Semana de Arte Moderna.

Em 1924, participa pela primeira vez de um Salão de Artes (*XXXI Exposição Geral de Belas Artes*), expondo seu painel *Echo das montanhas da América*. Mas é somente no ano seguinte que Eugênio abala os críticos com seu quadro *Lúcifer*.

Entre 1926 e 1928 intensifica seu trabalho artístico, participando do Salão dos Novos, presidido por Armando Navarro. Também inicia o curso de arquitetura na Escola Nacional de Belas Artes no Rio de Janeiro e sugere adaptações decorativas ao Carnaval, as quais foram preteridas pelos grupos conservadores.

Funda, em 1931, o Núcleo Bernardelli, que significou a renovação na arte carioca, através da democratização e renovação no ensino de arte. Em 1935, já como simpatizante das campanhas pró Partido Comunista, expõe uma grande mostra, realizada na Casa do Estudante do Brasil, juntamente com Portinari.

A partir de 1937 interessa-se pelos assuntos dos proletários, confirmando seu espírito voltado para o oprimido. O que se percebe no seu quadro *Êxodo de escravos*, pelo qual recebe a menção honrosa da *Exposição do Riverside Museum* de Nova York. No entanto, sua predisposição aos temas operários fica mais evidente quando, em outubro de 1945, ao lado Pancetti, Portinari, Bianco e mais 70 artistas, rende homenagens ao Partido Comunista do Brasil, na Casa do Estudante. Com tais palavras, Eugênio recorda esse evento:

Militei até mesmo depois de 1945, contudo, aquela exposição do Partido foi um maior evento, sem dúvida, e que representou a força social da arte que vinha sendo executada por mim: eu retrato até hoje a miséria de nossa classe inferior, minha pintura é da linha Socialista como pode ser observado, não mudei muito de lá para cá (SIGAUD Apud GONÇALVES, 1981, p. 51).

Participando e comungando ativamente da ideologia do Partido Comunista do Brasil nesta época, ficara esperançoso pela vitória das causas operárias, pois conforme o ideal comunista: “a história da sociedade humana é a história da luta de classes, a história da substituição de regimes sociais que envelheceram por outros regimes de natureza avançada.” (AMAZONAS, 1983, p. 13). Ou seja, Eugênio ansiava pela queda do capitalismo e pelo fortalecimento do socialismo e, futuramente, pela implantação do comunismo. Eugênio acreditava que o:

[...] comunismo é um naturalismo perfeito e, como tal, um humanismo: enquanto humanismo perfeito, é um naturalismo; é a verdadeira solução para o conflito do homem com a natureza, do homem com o homem, a verdadeira

solução para a luta ente a existência e a essência, entre a objetivação e a afirmação de si mesmo, entre a liberdade necessária e a necessidade, entre o indivíduo e a espécie (FOUGEYROLLAS, 1989, p. 17).

Durante o triênio de 1946-48, suas obras ganham destinos internacionais: em 1945, suas obras são expostas em Valparaíso (Chile) e na Universidade do Chile; em 1946, seus trabalhos seguem para o *Instituto Uruguayo-Brasileño* (Uruguai) e para a *Galeria de Muller de Buenos Aires* (Argentina); e em 1948, participa a convite de Oswaldo de Teixeira da *Bienale Internazionale D'Arti Di Venezia* (Itália).

Possuído por um torpor nacionalista, participa em 1952 do movimento contra a dominação do capital estrangeiro, ilustrando a capa do livro *Libertação Econômica*.

Durante os anos de 1954 a 1958, reside no Estado do Paraná, na cidade de Jacarezinho. Em Jacarezinho trabalha com afinco, de 1954 a 1957, na decoração interna da Catedral Diocesana, a pedido de seu irmão, D. Geraldo.

Impulsionado pela sua tendência modernista, subscreve, juntamente com outros companheiros do movimento modernista, em dezembro de 1960, o *Manifesto dos artistas modernos independentes*, no intuito de criticar a negociata cultural no Brasil.

No mês de maio de 1971, sua obra *Acidente de Trabalho* é exposta no Museu Nacional de Belas Artes em ocasião da comemoração do Dia do Trabalhador. Em 1972, é homenageado na Galeria da Praça, através da mostra: *Homenagem a Sigaud*, na qual são apresentados os seus 16 trabalhos a óleo dos painéis feitos na Catedral Diocesana de Jacarezinho e suas primeiras realizações: Lago das Angústias (1923) e Lúcifer (1924). Sua última exposição ocorre na Galeria B-75 em 1977, apresentando ao público trinta e dois trabalhos.

É acometido por uma trombose cerebral e internado numa clínica particular em 17 de junho de 1979. Sendo transferido posteriormente para o Hospital da Lagoa, no qual faleceu, no dia 6 de agosto de 1979, às 21 horas, com 80 anos de idade.

A galeria Andrea Sigaud realiza a exposição póstuma *Desenhos de Sigaud*. Aclamada com entusiasmo pelo crítico Quirino Campofiorito: “Pela alta qualidade plástica que o individualizou, Sigaud equipara-se a outros grandes desenhadores de nosso país, como foram Guignard, Goeldi e Portinari.” (GONÇALVES, 1981, p. 109).

Distanciando deles pela sua concepção comunista e atea, sua verve guiada para o proletariado e os desprezados da sociedade, e pela convicção de que somente pelo comunismo o homem encontraria a perfeição.

Catolicismo e comunismo: a contradição dos Sigaud

A concisa biografia dos irmãos Sigaud traz consigo várias disparidades entre os dois. Assim, é salutar caracterizar a contradição entre a doutrina católica e a concepção comunista, com o intuito de compreender os fatos e atos descritos nas biografias de D. Geraldo e de Eugênio.

O contraste entre o conservadorismo cristão católico e a concepção comunista atea pauta a preleção do período histórico de cada um desses posicionamentos. Pois, para a doutrina católica, o estágio histórico, no qual a humanidade atingiu o ápice, é a Idade Média, na qual os sacerdotes oravam, os nobres guerreavam e os servos labutavam; assim, nessa sociedade todos sabiam e cumpriam as suas funções. Por seu turno, o ideário comunista ateu não concebe que a humanidade tenha alcançado o seu apogeu, que só será possível no advento do comunismo, porém designa a sociedade russa pós-Revolução Russa de 1917 como o exemplo a ser seguido.

Outra discordância entre essas duas concepções é o sentido que confere à propriedade privada: para a doutrina católica a propriedade privada é um direito inalienável do homem, pois é fruto do trabalho humano e uma dádiva divina para a subsistência humana; já o comunismo vê a propriedade privada como um meio de subjugação da elite frente à classe subalterna. Por isso propõe a coletivização da propriedade privada.

Com efeito, o pensamento católico se esmera na definição que confere à história como revelação divina. Partindo desta concepção, conclama o resguardo de resquícios da Idade Média. Este período é considerado a Idade de Ouro da humanidade pela Igreja Católica, pois “voltar à Idade Média significa reunir-se novamente, reconstruir a Unidade querida por Deus e destruída pelo pecado, dissolver novamente no Absoluto, reconstruir a Idade de Ouro perdida.” (MANOEL, 2004, p. 124).

Para manter os princípios oriundos da Idade Média, faz-se fundamental, para o respectivo ideário, ter uma postura conservadora, isto porque:

a Igreja permanece politicamente conservadora, se opondo à secularização e pregava a hierarquia e a ordem [...]. Assim conseguia o que percebia como sendo interesses indispensáveis da Igreja: a influência católica sobre o sistema educacional, a moralidade católica, o anticomunismo e o antiprotestantismo (SILVA JÚNIOR, 2006, p. 28).

Esses aspectos da Igreja Católica, no Brasil, enfatizaram-se após a publicação da *Carta pastoral* de 1916, de D. Sebastião Leme, na qual são alertadas as deficiências da instituição no Brasil, tais como:

[...] a fragilidade da Igreja institucional, as deficiências das práticas religiosas populares, a falta de padres, o estado precário da educação religiosa, a ausência de intelectuais católicos, a limitada influência política da Igreja e sua depauperada condição financeira (SILVA JÚNIOR, 2006, p. 26).

Essas carências da instituição católica no Brasil refletem o mau momento presenciado pela Igreja Católica, consequência da desobediência humana para com a mensagem de Deus, ou seja, o fim da Idade Média e o advento da Idade Moderna, onde muitos aspectos medievais se esfumaram e ocorreram e as Revoluções Inglesa e Francesa. Nesse cenário, pondera Plínio Correa de Oliveira “a Revolução é o mal e a história moderna a progressiva satanização do mundo.” (OLIVEIRA *apud* SILVA JÚNIOR, 2006, p. 32).

Essa assertiva é comungada pela Igreja, como aponta Mainwaring: “a Igreja percebia o mundo moderno como sendo essencialmente maligno porque encorajava o culto da personalidade, do prestígio, do dinheiro e do poder.” (MAINWARING, 1985, p. 44). Aliás, as transformações ocorridas pela transição da Idade Média para a Modernidade iam contra a concepção de mudança da doutrina católica, na qual a mudança seria por meio da preservação da ordem estabelecida, ou seja, dentro de um seguro ordenamento.

O desdobramento histórico, ao ir de encontro à doutrina cristã católica e seu afã de uma mudança gradativa e ordeira, trouxe consigo as consequências da desobediência humana, consistindo no advento de seitas e de “manifestações satânicas que culminaram com a Reforma, o Renascimento, Revolução Francesa e o Socialismo.” (SIGAUD, 2006, p. 17) e destronou a harmonia estabelecida “na ‘Ordem Medieval’, em que cada um tem o seu lugar e seu papel na sociedade. Caberia à nobreza fazer com que os homens obedecessem a Deus, pela espada, ao clero, orar pela redenção da humanidade e aso camponeses, trabalhar para o bem comum.” (SIGAUD, 2006, p. 17).

Destas seitas, o comunismo é a mais nociva por denegrir valores defendidos pela doutrina católica, como descreve o Papa Pio XI na sua encíclica de 1937, *Sobre o comunismo ateu*:

[...] o comunismo despoja o homem da liberdade, princípio espiritual de toda a conduta moral, tira da pessoa humana toda a dignidade e qualquer virtude moral [...]. Considera o matrimônio e a família como instituição puramente artificial, fruto de determinado sistema econômico [...]. Para o comunismo não existe vínculo algum que prenda a mulher à família e ao lar doméstico (PIO XI, 1963, p. 7-8).

Além de mitigar a importância de elementos enfatizados pela doutrina católica (a moral, a família e o matrimônio), o comunismo tende a refutar o direito à propriedade privada que é defendido pela doutrina católica, como relata D. Geraldo de Proença Sigaud – S.V.D. na sua carta pastoral de 1962, *Sobre a seita comunista, seus erros, sua ação revolucionária e os deveres dos católicos na hora presente*, onde aponta a propriedade privada como “aquilo que foi honestamente ganho” (SIGAUD, 1962, p. 18) e exprime o capitalismo como sendo “um sistema legítimo em si” (SIGAUD, 1962, p. 18), pois “ele põe ao serviço da sociedade humana aqueles dois motores admiráveis de que Deus dotou o homem, que são o amor de si mesmo e a vontade de possuir e de se enriquecer.” (SIGAUD, 1962, p. 18).

Vê-se, com a exposição da visão do pensamento católico conservador acerca da história como revelação divina, a Idade Média como a época de ouro, a concepção de que a transformação se daria sem rompimento com a ordem estabelecida e a defesa da propriedade privada com o objetivo de resguardar princípios provenientes da Idade Média. O comunismo consistia no grande opositor a se combater para a conservação e a restauração dos ideais advogados na doutrina cristã católica.

Assim, a concepção comunista considera que “a história verdadeira e fundamental é a dos indivíduos, de sua ação para transformar a natureza e de suas condições materiais de vida.” (REALE; ANTISSEI, 1991, p. 195). Partindo deste pressuposto, define a história não só como a ação transformadora do homem no mundo, mas sim como o conflito existente entre as classes, em que tal embate moveria o progresso histórico.

Neste progresso histórico, vários elementos da sociedade suplantada teriam se dissolvidos, como ocorrerá na transição da Idade Média para a Moderna, conforme aponta K. Marx e F. Engels no *Manifesto Comunista*:

Onde quer que tenham conquistado o poder, a burguesia destruiu as relações feudais, patriarcais e idílicas. Rasgou todos os complexos e variados laços que prendiam o homem feudal ‘a seus superiores naturais’, para só deixar subsistir, de homem para homem, o laço do frio interesse, as duras exigências do pagamento à vista [...]. Dissolvem-se todas as relações sociais antigas [...]. Tudo

que era sólido e estável se esfuma, tudo que era sagrado é profanado (2010, p. 42).

Semelhante transição, do medievo à modernidade, é benfazeja, segundo a concepção comunista, pois evidencia que a sociedade estava em completa transformação, isto é, o movimento da história estava em pleno processo de realização. E de modo consequente, a transição para a sociedade sem classes certamente não tardaria (MANOEL, 2004, p. 110).

Sociedade que para a concepção comunista assemelha-se a sociedade russa depois da Revolução Russa de 1917. Isto porque a revolução debelou o regime burguês e libertou os explorados e oprimidos, conforme descreve João Amazonas:

Um grande acontecimento estremeceu o regime da burguesia a 7 de novembro de 1917. O eco dos canhões do cruzador ‘Aurora’ disparados contra o Palácio de Inverno em Petrogrado anunciou aos povos, aos explorados e oprimidos de todos os Continentes, de todas as raças, de todas as línguas, a grande nova. Chegara a época da libertação, da emancipação social, a época das revoluções proletárias (AMAZONAS, 1983, p. 29).

Com a descrição acima, fica evidente que o advento para a sociedade de classes “não se dá de maneira automática, pela simples compreensão da inevitabilidade de mudança da ordem social existente” (AMAZONAS, 1983, p. 79), mas sim pelo desfalecimento de toda ordem social estabelecida e pela destruição dos valores da sociedade de outrora. Isso somente se dá pela revolução proletária. Mas para conclamar a ação proletária em prol da transformação social, a concepção comunista visa marginalizar o elemento religioso, pois defendia a ideia de que a religião impossibilitava a assunção de uma sociedade sem classes, isto é, impedia o escopo da concepção ateia comunista (REALE; ANTISSERI, 1991, p. 192).

Outro ponto primordial da ideologia comunista, para o advento da sociedade sem classes, é a refutação da propriedade privada, pois “o trabalho é social, mas a apropriação dos bens é privada. O desenvolvimento dessa contradição conduz à crise que afeta principalmente a classe operária.” (AMAZONAS, 1983, p. 101). Sendo, portanto, mister a socialização de toda propriedade privada, as quais passariam a ser coletiva e sob o domínio do estado socialista, que, na teoria, seria a ditadura do proletariado e que, futuramente, seria substituída pela sociedade comunista.

Diante da exposição de certas definições da ideologia comunista, acerca da história, da sociedade considerada ideal, a das transformações sociais pelo embate entre as classes sociais, o desprezo pelo elemento religioso, a crítica à religião e à propriedade

privada, verifica-se o desejo da concepção comunista da implantação da sociedade sem classes, mas necessitando para isto da adesão incondicional do proletariado às crenças comunistas.

A divergência existente entre os referidos ideários, mormente acerca da propriedade privada, acirra o embate ocorrido, nas décadas de 40 a 60 do século XX, proporcionado pela ascensão da ideologia comunista no território brasileiro e o enfrentamento da Igreja Católica Apostólica Romana a esse advento do ideário comunista.

D. Geraldo e Eugênio: intelectuais em contradição

A influência de D. Geraldo e Eugênio, na sociedade e cultura brasileira e jacarezinense, fora sentida através de seus posicionamentos e ações. Para perceber a importância das atitudes dos irmãos Sigaud, serão apresentados concisamente alguns fatos do panorama político nacional de 1947 a 1961. Período marcado pelo aumento de grupos e movimentos na política de cunho visivelmente radical.

Isto é notório se analisado o resultado do pleito estadual de São Paulo em 1947, em que o PCB, Partido Comunista Brasileiro, obtivera o terceiro lugar no total de votos. Sendo que, em 1946, este partido chegara a ser o quarto partido em importância no Brasil. Também em 1947, houve a criação do PSB, Partido Socialista Brasileiro. Ademais, a volta de Getúlio ao poder em 1951, juntamente com seu discurso populista - a ponto de, no dia 1º de maio de 1951, incentivar a classe operária e a organização sindical se unirem contra os especuladores gananciosos – elucida semelhante panorama.

Aliados, a estes fatos, os seguintes episódios consolidaram ainda mais a ideologia comunista no território brasileiro: o surgimento da Sociedade Agrícola Pecuária dos Plantadores, conhecida como Liga Camponesa, sob a chefia de Francisco Julião, em 1955, no município de Vitória de Santo Antão; a vitória da Revolução Cubana⁵ em 1959, na qual Fidel Castro assume o poder em Cuba; e as reformas de base em 1961 por João Goulart, propondo a viabilização da reforma agrária, a desapropriação se daria pela prévia indenização em dinheiro. Mas, como o Estado não tinha dinheiro, propôs-se a mudança da Constituição, a fim de os proprietários receberem a indenização em longo prazo. Isso caracterizaria uma tomada abrupta do direito de propriedade privada.

⁵ Tinha-se o medo de que se o regime comunista poderia se instalar a menos de 150 quilômetros da Costa da Flórida, ele poderia triunfar em outras regiões da América Latina (BANDEIRA, 2009, p. 539).

Frente a essa realidade vigente no Brasil, os irmãos Sigaud tomaram posicionamentos antagônicos. D. Geraldo buscou incessantemente defender a integridade católica da influência comunista, através de sua inteligência e eloquência presentes nas suas *Cartas Pastorais* e nos seus livros *Reforma Agrária: Questão de Consciência* e *Catecismo Anticomunista*. Sua ação anticomunista culminou, em 16 de junho de 1960, na criação da Sociedade em Defesa da Tradição, Família e Propriedade (T. F. P.). Já, Eugênio de Proença Sigaud pôs o seu talento para a causa do proletariado. Assim, comungou fervorosamente da ideologia comunista. Expôs esta tendência por meio de sua genialidade artística, dispostas nos seus quadros, em que visava demonstrar a importância e mazelas do operariado. Além de deferir seu desprezo ao elemento religioso. Porém isso não o impediu de realizar, durante os anos de 1954 a 1957, a decoração interna da Catedral de Jacarezinho, por solicitação de D. Geraldo de Proença Sigaud S.V.D. A justificativa para aceitar esse pedido do seu irmão é a seguinte: “a execução do empreendimento não iria denotar devoção religiosa e sim um trabalho por encomenda religiosa” (GONÇALVES, 1981, p. 65). Na qual, para a sua realização, Eugênio utiliza-se da decoração mural, deixando transparecer, nas pinturas, a sua preocupação social e adesão aos excluídos da sociedade, aos retratá-los nas pinturas, pondo nelas a feição de trabalhadores pobres, prostitutas e ladrões; e evidenciando seu estilo expressionista, o qual:

foi definido por Frederico Morais como ‘viril’, algo rude e tosco na energia dos volumes, na ousadia das cores, dos vermelhos metálicos, que queimam como fogo dos altos-fornos e dos maçaricos, na largueza de um desenho trepidante e nervoso, na opção dos primeiros planos que dinamizam e dramatizam a composição’ (FOGASSA; RIBAS, 2005 p. 86).

D. Geraldo de Proença Sigaud S.V.D., o teórico “defensor da integridade católica”, ao ser nomeado para assumir a cadeira episcopal da cidade Jacarezinho, redige sua *Carta Pastoral de Saudação* de 1947, ilustrando o panorama brasileiro e delimitando a sua ação pastoral em defesa dos princípios. Tendo em vista semelhante fim, enfatiza a devoção a Nossa Senhora de Fátima⁶ e alimenta a autoestima dos fiéis da Diocese de Jacarezinho:

⁶ Tal predileção, por Nossa Senhora de Fátima, deve-se pelo fato de que, na sua aparição, em Fátima (Portugal), em 13 de maio de 1917, ela prenunciava, num dos seus três segredos comunicados às três crianças que a viram, que o comunismo era um dos males do século XX. Sendo, portanto, necessário ao cristão católico lutar contra este mal, através da oração e da ação.

A Diocese de Jacarezinho em que viveis, irmãos diletíssimos, não deve ser considerada como uma região isolada que possa realizar sua vida à parte, como um Tibet ou uma China de outrora acurrada detrás de sua legendária muralha, mas como uma parte da nação brasileira que sobre ela exerce uma influência poderosa e dela espera uma contribuição pequena, mas generosa (SIGAUD, 1947, p. 7).

Dispõe, em sua carta, elementos essenciais para a manutenção da doutrina católica, como a exortação à devoção ao Sagrado Coração de Jesus e ao Imaculado Coração de Maria, e a conscientização aos congregados marianas para serem perseverantes na oração e que vissem o trabalho como um dos meios para o enobrecimento humano. Além disso, advogou o fortalecimento das instituições católicas, a prática dos bons costumes e a abolição dos hábitos degradantes, a necessidade de conquista de inteligências para a doutrina católica e, principalmente, a observância das concepções católicas em detrimento da infiltração da ideologia comunista.

Com a *Carta Pastoral de Saudação*, D. Geraldo articula, a partir da exaltação da Diocese de Jacarezinho na realidade brasileira, a criação de uma faculdade leiga, mas com a intenção de formar e informar mestres de cunho católico. Tal concretização mitiga a possibilidade de inclusão de ideias comunistas na sociedade jacarezinhense.

A partir da criação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Jacarezinho em 1960, D. Geraldo obtém seu intento de alavancar o ego jacarezinhense, pois “no imaginário dos jacarezinhense sua cidade havia se transformado numa referência cultural, perspectiva alimentada por Sigaud, a partir do seu incentivo à educação católica.” (SILVA JÚNIOR, 2006, p. 26).

Mas, D. Geraldo não restringiu seus esforços somente na Diocese de Jacarezinho, estendeu suas palavras em defesa dos princípios católicos a todo território nacional, através do livro *Reforma Agrária: Questão de Consciência* - coescrito por ele e D. Antônio Castro Mayer (bispo de Campos), Plínio Corrêa de Oliveira (professor católico) e o economista Luiz Mendonça de Freitas -, redigido em dia 10 de novembro de 1960. Nessa obra, defende piamente o direito à propriedade privada, argumentando que esse direito é defendido pela doutrina católica como inerente ao homem, isto porque é conquistado por intermédio de seu árduo trabalho:

Senhor de terras adquiridas pelo trabalho árduo e honrado ou por uma legítima sucessão hereditária, não se contenta em tirar delas, preguiçosamente, o estrito necessário para a sua subsistência e a dos seus. Pelo contrário, movido por um nobre anseio de crescente bem-estar e ascensão cultural, aspirava ele ao pleno

aproveitamento da fonte de riqueza que tinha em mãos. Para isto, franqueava suas terras largamente às famílias de trabalhadores braçais que, vindos de todos os quadrantes do Brasil e das mais variadas regiões do mundo, procuravam no campo as condições de uma existência honesta e segura (SIGAUD et alii, 1960, p. 15).

Por causa do sucesso desse livro, D. Geraldo é nomeado arcebispo da Arquidiocese de Diamantina (MG), em 31 de dezembro de 1960. No episcopado da Arquidiocese, argumenta que a reforma agrária proposta não consistia numa resolução para a crise de produção brasileira. Ademais, asseverava que a mídia, da época, ao demonizar os proprietários rurais, como se fossem como vermes sugadores da nação brasileira, levava sutilmente a população a aceitar o ideário comunista.

Para prosseguir enfrentar semelhante concepção, D. Geraldo lança, em 1963, a sua obra *Catecismo Anticomunista*. Nesse livro define o comunismo como

uma seita internacional, que segue a doutrina de Karl Marx, e trabalha para destruir a sociedade humana baseada na lei de Deus e no Evangelho, bem como instaurar o reino de Satanás neste mundo, implantando um Estado ímpio e revolucionário, e organizando a vida dos homens de sorte que se esqueçam de Deus e da eternidade (SIGAUD, 1963, p. 7).

Assim, delimita a seita comunista, escrevinhando suas artimanhas frente ao fiel católico, pelas quais procura convencê-lo que há uma interligação de princípios evangélicos (pobreza, partilha, comunidade) com os aspectos da ideologia comunista (a repartição de bens, a vivência em comum e o desapego, nesse caso o desapego pelo espiritual).

Demonstrando sua eloquência nessas obras, D. Geraldo de Proença Sigaud S.V.D. ampara consistentemente a pureza da doutrina católica, resguarda a educação católica e o sentimento nobiliárquico da cidade de Jacarezinho.

Ação de D. Geraldo de Proença Sigaud contra a ameaça comunista: T.F.P.

O término da II Guerra Mundial trouxe ao mundo uma onda de globalização, com a incorporação de novos hábitos à sociedade que a tornava cada vez mais urbanizada, gerando uma preocupação por parte do clero conservador em como lidar com essa situação. Segundo a visão deste grupo, tais mudanças poderiam desembocar numa revolução comunista contra a religião.

Assim, fazendo-se mister a intervenção de intelectuais católicos contra a escalada comunista no meio social, pois:

[...] a doutrinação dos comunistas e dos seus agentes em meios católicos se vela na linguagem específica da teologia e das filosofias cristãs, é necessária uma verdadeira especialização cultural para denunciar essas doutrinas e contra argumentar em favor do País ameaçado. Só um grupo de intelectuais e homens de ação, notoriamente tidos como católicos fervorosos, poderia empreender tal obra sem incorrer na suspeita de que deseja demolir a Igreja. Só a especialização muito acurada desses intelectuais, em doutrina social católica, permiti-lhes fazer dos erros do criptocomunismo católico uma refutação que toque a fundo os ambientes especificamente católicos (FILHO, 1980, p. 22).

Cientes do perigo e da possibilidade de salvaguardar as concepções católicas em detrimento da ideologia comunista, oriunda da infiltração no Brasil das ideias marxistas, os membros do mensário *Catolicismo* - dentre os quais fazia parte D. Geraldo de Proença Sigaud S.V.D. (bispo de Jacarezinho), e o Professor Plínio Côrrea de Oliveira - fundaram, em São Paulo, no dia 26 de julho de 1960, a Sociedade em Defesa da Tradução, Família e Propriedade (T.F.P.), a qual combateria as modificações de rumo, impressas pelo ideal comunista fortalecido com a entrada de concepções marxistas no Brasil.

A primeira medida de D. Geraldo de Proença Sigaud S.V.D., em consonância com essa sociedade, foi a publicação, no dia 10 de novembro de 1960, do livro *Reforma Agrária: Questão de Consciência*, coescrito por D. Antonio de Castro Mayer, bispo da prelazia de Campos, e o economista Luiz Mendonça de Freitas, em que discorrem acerca dos malefícios que a reforma agrária traria ao País, como as sequelas provenientes das futuras favelas rurais, invasões de terras cultiváveis e insurreição popular. O teor desse livro, além de criticar a reforma agrária prescrita pelo governador de São Paulo, Carvalho Pinto, fundamentada nas reformas de base do Governo Federal, tinha a função de podar as ideias marxistas que se infiltravam no Brasil.

Neste livro, debelam argutamente a revisão agrária proposta pelo governador paulista, a qual só poderia ter sucesso se contasse com o apoio e a aprovação da opinião pública católica, francamente majoritária naquela época. Por isso, apelou à consciência do povo católico, enfatizando que um católico não poderia receber uma terra, fruto de confisco. Pois, sendo este um roubo, praticado pelo Estado, seria, portanto, cúmplice do roubo e, certamente, estaria pecando contra o sétimo e o décimo mandamentos da lei de Deus, respectivamente: não roubarás e não cobiçarás as coisas alheias.

O sucesso obtido e a controvérsia alcançada pelo livro, coescrito por D. Geraldo, alçaram a discussão acerca da reforma agrária sugerida pelo governador de São Paulo, Carvalho Pinto. Indo os coautores do livro discutir sobre a matéria discorrida em seu

livro, na reunião da Comissão de Economia da Assembleia Legislativa de São Paulo, a 16 de novembro de 1960. O êxito da referida obra foi tamanho que saiu “uma edição saiu na Argentina (1963), outra na Espanha (1969) e outra na Colômbia (1971)” (FILHO, 1980, p. 79). Tal fato e a atitude da TFP mostraram todo seu empenho em derrocar a entrada de termos e ideias de cunho socialista no Brasil e a postura política em relação ao panorama nacional.

Demais atos da Sociedade em Defesa da Tradição, Família e Propriedade, sob o auspício D. Geraldo, agora Arcebispo de Diamantina, desembocaram na Marcha da Família com Deus pela Liberdade, no ano de 1964, a fim de sublevar a ameaça comunista e conferir subsídios para a implantação do sistema ditatorial, o qual perdurou de 1964 a 1985. Pois se imaginava que só uma revolução purificaria a democracia, pondo fim à luta de classes e aos perigos do comunismo.

Já Eugênio de Proença Sigaud, “o fotógrafo do operário”, tem sua vida artística marcada pela sua inclinação às causas proletárias e o apoio à ideologia do Partido Comunista do Brasil. Em 1945, na Casa do Estudante, homenageia ao Partido Comunista do Brasil, por meio de uma exposição.

Expõe sua preferência aos proletários, no seu quadro *Êxodo de escravos*, de 1939, permeada de dramaticidade exposta nas faces humanas, transparecendo a angústia de pessoas subordinadas a trabalhos sem a digna renumeração. E é para os trabalhadores, para os operários que ele dedica toda a sua produção artística: “Minha pintura nunca foi algo gratuito [...]. Celebro com ela, especialmente, a magnitude do trabalho humilde do operário, esse trabalhador anônimo em todos os setores da grandeza da pátria.” (GONÇALVES, 1981, p. 114).

Retrata o desprendimento pelo elemento religioso, a fim de almejar a liberdade e a rebeldia, através de sua obra *Lúcifer*, de 1924. Quadro simbólico, designando o mentor dos anjos rebeldes, a estrela da manhã e a estrela Vênus da antiguidade.

Eugênio de Proença Sigaud, ao conceber sua pintura voltada para a sofreguidão operária, marca, não só a sua vida artística, mas, outrossim, a sua vida, as suas ideias e os seus posicionamentos pelo ideário comunista ateu. Pelo seu posicionamento, ilustra a capa do livro *Libertação Econômica*, escrito em 1952 por diversos autores. Ao fazê-lo critica veemente a conduta política nacional:

País sem administração capaz, sem orientação política definida, entregue à mercê da mais desenfreada especulação meia dúzia de aventureiros conhecidos, onde os partidos políticos, com exceção do Partido Comunista, não têm uma

diretriz segura, vimo-nos atirados à luta, completamente despreparados psicologicamente para ela (SIGAUD Apud GONÇALVES, 1981, p. 55).

Semelhante atitude marca indelevelmente toda a sua vida de artista renomado, nacional e internacionalmente, como define o crítico Quirino Campofiori:

O trabalhador e as figuras simbólicas são a tônica de marcante de sua preferência. Em uma de suas últimas exposições, em fins da década de setenta, reuniu telas que não se afastam dessas preocupações como pode se constatar pelos títulos: Abolição da Escravatura, Carregadores de placas de Cimento, O Vigia, e outras composições com trabalhadores como o das salinas de Cabo Frio, aspectos da Construção Naval, personagens da paisagem urbana e alegorias (Apud GONÇALVEZ, 1981, p. 114).

Mas, é no fato mais instigante de sua vida artística que Eugênio de Proença Sigaud, floresceu sua predisposição ao rosto do oprimido, marginalizado, representado na pessoa do proletariado: o episódio das pinturas e a decoração interna da Catedral Diocesana de Jacarezinho, atendendo à solicitação de seu irmão, o bispo Diocesano de Jacarezinho, D. Geraldo de Proença Sigaud S.V.D.

Obra-prima de Eugênio Sigaud: pinturas internas da catedral Diocesana de Jacarezinho

A pedido de D. Geraldo de Proença Sigaud S.V.D., Eugênio de Proença Sigaud, empenha seus esforços na decoração da Catedral Diocesana de Jacarezinho. Podendo, assim, mostrar todo seu talento às multidões. Porque, a decoração mural é “a única possibilitada pelo artista ter a sua obra vista e admirada por multidões [...]. Isto não acontece com as telas, que vão para os Museus e Galerias particulares, onde poucos as veem e raramente.” (GONÇALVES, 1981, p. 67). Aliás, desde jovem Eugênio queria pintar uma catedral, como fizera Michelangelo.

Aliando perspicácia e talento, Sigaud promoveu modificações na arquitetura da Catedral, cujo projeto é de autoria de Benedito Calixto Neto, e na decoração do mural. Destacando-se na Capela São Sebastião, 4 grandes murais - O Martírio de São Sebastião, A justiça, A Providência e o Tributo do Povo do Paraná a São Sebastião na cúpula; na Capela do Santíssimo Sacramento – O Sermão da Montanha, A Fortaleza, A Temperança; na Nave principal – 12 profecias vinda do Messias e na Cúpula do altar-mor – O Povo de Jacarezinho e o seu clero na Promulgação do Último Dogma de Pio XII, com cerca de 100 figuras visíveis.

Nas suas pinturas, Eugênio mostrava seu posicionamento comunista, porque apresentou figuras do Velho Testamento com feições desproporcionais ao corpo, como

se nota no tamanho exagerado das mãos e dos pés, perpassando a ideia de que o homem não necessita de Deus, pois tudo lhe é possível. E dava a essas figuras aparência de pessoas respeitadas e marginalizadas da cidade de Jacarezinho. Como é perceptível no mural da cúpula mor do altar-mor, intitulado *Promulgação do último dogma de Pio XII em 1948*. Nela, os comerciantes, fazendeiros, filhas de Maria, congregados marianos, coroinhas, o motorista do bispo, o prefeito, o sacristão, pessoas humildes, prostitutas e ladrões estão retratados. Ademais, enfatiza a figura do padre, como é visível na pintura *O Tributo do Povo do Paraná a São Sebastião*, “onde o artista mostra a família de um pobre camponês prestando homenagem ao Santo Protetor.” (GONÇALVES, 1981, p. 65).

Ademais, as tradicionais oliveiras, pintadas nos murais de cunho religioso católico, foram substituídas pelos pinheiros, cafeeiros e canas-de-açúcar. Simbolizando, desse modo, o nacionalismo e o expressionismo que caracteriza essa obra de Eugênio, a qual, pela beleza, aproximam-no dos muralistas mexicanos Oroasco e Siqueiros.

Durante a decoração realizada por Sigaud, na Catedral Diocesana de Jacarezinho, o bispo de Paris, o cardeal Maurice Feltin, visita a cidade de Jacarezinho. O cardeal ficou impressionado com o talento de Eugênio de Proença Sigaud, tecendo diversos elogios a Eugênio na rádio local, ao afirmar para o povo da cidade de Jacarezinho que deveria se envaidecer pela obra de Sigaud, comparável somente com os trabalhos dos excelentes muralistas mexicanos.

Apesar desse elogio, o trabalho artístico realizado por Eugênio, na Catedral de Jacarezinho, fora visto com desdém. Isto porque em 1960 uma mobilização social, comandada por líderes políticos da região, queria destruir os painéis feitos por Sigaud “sob o pretexto que a arte profana de Sigaud estava trazendo maus agouros.” (GONÇALVES, 1981, p. 68). Mas o motivo real era briga política da época, porque:

alguns políticos da cidade, contrários ao trabalho do então Prefeito, Cássio Pereira, temiam que, com a divinização do Prefeito (cuja figura na cúpula aparecia ao lado do Papa), as eleições daquele ano tomassem rumos a eles favoráveis, o que desagradaria a alguns elementos sequiosos do poder Municipal (GONÇALVES, 1981, p. 68).

Contudo, não é inegável a importância dos 600 m² de murais realizados por Eugênio, de 1954 a 1957, que enriqueceram a arte jacarezinhense e nacional:

O trabalho de Sigaud em Jacarezinho é o segundo mais importante do Brasil, depois do de Portinari na Pampulha. É uma arte religiosa de caráter bastante contemporâneo, já dentro de uma visão modernista que tem um

comprometimento social e político que era próprio de Sigaud (GUIMARÃES *apud* SILVA JÚNIOR, 2006, p. 29).

Transparecendo, assim, juntamente com sua genialidade artística, o seu comprometimento com o ideário comunista, por meio do qual devotou a sua vida e os seus trabalhos – inclusive a decoração interna da Catedral Diocesana de Jacarezinho –, ao seu comprometimento à causa operária e ao desmantelamento do sistema político e econômico da época.

Considerações finais

O catolicismo e o comunismo são termos contraditórios que influenciaram várias pessoas em diferentes épocas. Entre elas D. Geraldo e Eugênio, os quais trilharam caminhos diversos e defenderam ideias diferentes.

D. Geraldo quis preservar na sociedade resquícios dos tempos medievais e, para tanto, atacou os ideais comunistas que se infiltraram no território nacional, animando seus fiéis, em 1947, na sua *Carta Pastoral* à devoção a Nossa Senhora de Fátima, que predissera sobre o mal do comunismo em 1917. Além disso, em 1960, D. Geraldo engajou esforços para a criação de uma faculdade imbuída com a formação de professores católicos para a sociedade. Também escreveu diversos livros demonstrando os males do comunismo. Com efeito, nestas ações transpareceram aspectos da doutrina católica: a história como revelação divina, o direito à propriedade privada e a ênfase do espiritual.

Por seu turno, Eugênio exaltou nas suas obras, elementos da concepção comunista: a importância ao proletário e o desapego ao espiritual. Esse último elemento ficou explícito na decoração interna da catedral de Jacarezinho, ocorrida de 1954 a 1957, na qual deu aparência de pessoas simples da sociedade jacarezinhense às personagens bíblicas. Além de dar-lhes mãos e pés gigantescos, simbolizando a independência humana em relação ao divino.

Estas inclinações distintas, durante o advento de ideias comunistas no Brasil, de 1947 a 1961, simbolizaram o embate entre o comunismo, prefigurado em Eugênio, e o anticomunismo, presente em D. Geraldo.

No turbilhão ideológico entre o comunismo e catolicismo, o destaque que as ações distintas dos irmãos Sigaud tiveram, fomentaram o panorama político brasileiro, contribuindo para a formação de um imaginário revolucionário (Eugênio) e

anticomunista (Geraldo), perceptível, especialmente, na ação anticomunista da T.F.P., a qual culminou, em 1964, com a implantação da Ditadura Militar.

Referências

- AMAZONAS, João. *Socialismo: Ideal da classe operária aspiração de todos os povos*. 3ª ed., São Paulo: Anita Garibaldi, 1983.
- ARRUDA, Gilmar. Para que serve o ensino de história. In: *História e ensino*. Londrina: Revista do laboratório de Ensino de História / UEL, Nº 1, 1985, p. 61-68.
- BLOCH, March. *A sociedade feudal*. Tradução de Emanuel Lourenço Godinho. São Paulo: Barbosa & Santos, 1982.
- BANDEIRA Luiz Alberto Moniz. *De Martí a Fidel: a revolução Cubana e a América Latina*. 2ª ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.
- _____. *O Governo João Goulart: as lutas sociais no Brasil (1961—1964)*. 4ª ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- BURKE, Peter. *The French Historical Revolution The Annales School, 1929-89*. Cambridge/ Oxford: Polity Press, 1990.
- CAVA, Ralph Della. A igreja e Estado no Brasil do século XX: sete monografias recentes sobre o catolicismo brasileiro. In: *Estudo CEBRAP*. São Paulo: Brasileira de Ciência, n. 12, abr-jun., 1975, p. 5-52.
- DIOCESE DE JACAREZINHO. *Jubileu de ouro da Diocese de Jacarezinho*. Curitiba: Gráfica Vicentina, 1976.
- ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. Tradução de Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- FILHO, Abel de Oliveira Campos. *Meio século de epopeia comunista*. São Paulo: Vera Cruz, 1980.
- FOGASSA, Humberto; RIBAS, Luciane. *Conservação e restauração da pintura mural da Igreja Nossa senhora Imaculada conceição Catedral de Jacarezinho – Paraná*. Curitiba, 2005.
- FOUGEYROLLAS, Pyerre. *Marx*. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Ática, 1989.
- GASPARI, Élio. *A ditadura escancarada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- GONÇALVES, Luiz Felipe. *Sigaud: o pintor dos operários*. Edibrás, 1981.
- GUINZBURG, Carlos. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideais de um moleiro perseguido pela Inquisição*. Tradução de Maria Betânia Amoroso. São Paulo: Companhia das letras, 1997.
- HERMANN, Jaqueline. História das religiões e religiosidades. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campos, 1997, p. 329-354.
- MAINWARING, Scott. *Igreja Católica e política no Brasil: 1916-1985*. Tradução de Heloísa Braz de Oliveira Prieto. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- MANOEL, Ivan. *O pêndulo da história*. Maringá: Eduem, 2004.
- MARK, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto Comunista*. Tradução de Osvaldo Coggiola. São Paulo: Boitempo, 2010.
- MERCADANTE, Paulo. *A consciência conservadora no Brasil: contribuição ao estudo da formação brasileira*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003.
- OLIVEIRA, Plínio Corrêa de. *A Igreja ante a escalda da ameaça comunista: apelo aos bispos silenciosos*. 4ª ed., São Paulo: Vera Cruz, 1977.
- PIO XI. *Divini redemptoris: sobre o comunismo ateu*. 8ª ed., Petrópolis: Vozes, 1963.

- REALE, Giovanni; ANTISSERI, Dario. *História da filosofia: do Romantismo até os nossos dias*. São Paulo: Paulinas, 1990.
- SIGAUD, Dom Geraldo de Proença. *Carta Pastoral de Saudação*. Jacarezinho: Diocese de Jacarezinho, 1947.
- _____. *As congregações marianas na Constituição Apostólica ‘bis saeculari die’*. Diocese de Jacarezinho, 1948.
- _____. *Carta Pastoral sobre a seita comunista, seus erros, sua ação revolucionária e os deveres dos católicos na hora presente*. Diamantina: Arquidiocese de Diamantina, 1963.
- _____. *Catecismo Anticomunista*. São Paulo: Vera Cruz, 1963.
- _____. et alii. *Livros das Cartas Circulares*. 3. ed., São Paulo: vera Cruz, 1961.
- _____. *Reforma Agrária*. Rio de Janeiro: Universidade Católica, 1953.
- _____. et alii. *Reforma Agrária: questão de consciência*. São Paulo: Vera Cruz, 1960.
- SILVA JÚNIOR, Alfredo Moreira. *Catolicismo, poder e tradição: uma análise das ações representações do conservadorismo brasileiro a partir do Bispado de D. Geraldo de Proença Sigaud em Jacarezinho (1947-1961)*. 2006. 93 p. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História, Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista, Assis, 2006.
- _____. *Aggiornamento ou fumaça de Satanás: interpretações sobre o Concílio Vaticano II*. 2013. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUCSP, São Paulo, 2013.
- TORRES, João Camilo de Oliveira. *História das ideias religiosas no Brasil*. São Paulo: Grijalbo, 1968.

Artigo recebido em 27 de agosto de 2022. Artigo aprovado em 2 de setembro de 2022.